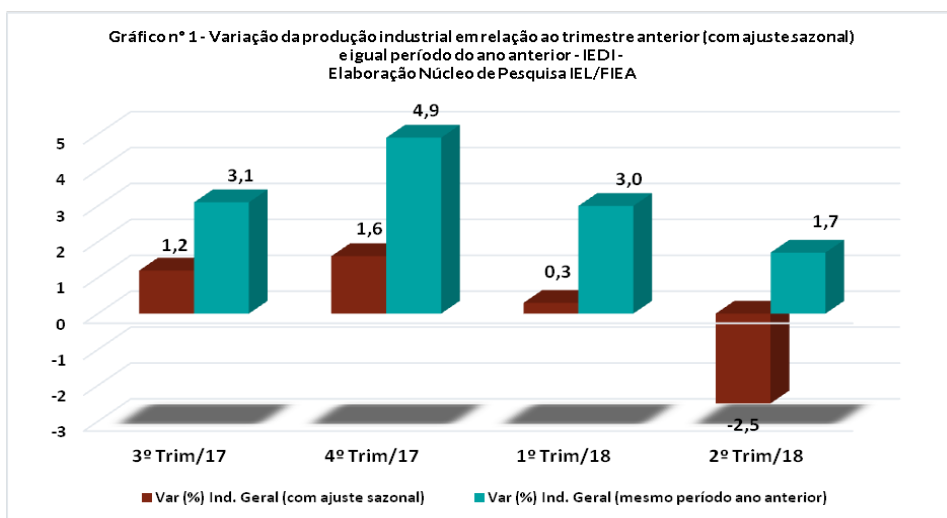




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

INDÚSTRIA RECUPERA AS PERDAS DE MAIO, MAS DESACELERA

O crescimento de 13,1% da indústria geral em junho, com ajuste sazonal, superou o tombo provocado em seu desempenho com a greve dos caminhoneiros no mês de maio, da ordem de -11,0%. Apesar deste resultado auspicioso, a indústria manteve no segundo trimestre o ritmo de desaceleração já manifestado no primeiro, quando comparado ao mesmo período do ano anterior, como pode ser observado no gráfico nº 1. Em relação ao trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal, o resultado foi ainda pior com retração no segundo trimestre de -2,5%, reforçando a tendência de desaceleração observada desde o início do ano. A mesma trajetória do primeiro para o segundo trimestre foi identificada nos setores de bens de capital, cuja taxa de crescimento passou de 11,1% para 8,1%; de bens intermediários, de 1,6% para 0,4%; e bens duráveis, de 17,1% para 11,6%. A exceção ficou com semi-duráveis e não duráveis que apresentou modesto crescimento no período: de 0,6% para 0,9%. Tal perda de dinamismo da indústria tem levado a uma revisão das expectativas de crescimento do PIB no segundo trimestre em relação ao primeiro com estimativas próximas a zero e para o ano de 2018 entre 1,0% e 1,5%. Os fatores que tem contribuído para esta revisão para baixo do PIB são apontados com relativo consenso pelos analistas econômicos e já foram várias vezes enfatizados neste Panorama. Ou seja, o ainda elevado nível de desemprego, mais de treze milhões de pessoas desempregadas; acesso limitado das famílias ao crédito, com taxas médias de juros ainda elevadas e índices de confiança se estabilizando abaixo de sua média histórica, como mostrado pelas pesquisas da CNI. Níveis de confiança empresarial em queda, de acordo com o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI houve leve crescimento de 0,6 ponto em julho após ter caído inéditos 5,9 pontos em junho e encontrar-se muito próximo da linha divisória



de 50 pontos que separa confiança de falta de confiança. Ademais, apesar da recuperação pós greve, a indústria não conseguiu retornar a sua posição em abril, como mostra o seguinte balanço feito pela própria CNI: "a maioria dos dados dos Indicadores Industriais (CNI) mostram queda (dados dessazonalizados): emprego (-0,3%), horas trabalhadas (-0,5%), massa salarial (-1,8%), rendimento (-2,0%) e Utilização da Capacidade Instalada (-1,4 ponto percentual). Apenas faturamento mostra crescimento nessa comparação (+5,4%), mas esse resultado é explicado pela liberação dos embarques de maio que ficaram represados até o mês seguinte. Já a produção da indústria de transformação (PIM-PF) cresceu 0,2% frente ao registrado em abril". Para o segundo semestre, os riscos externos e internos tem aumentado as incertezas e consequentemente afetado negativamente as expectativas dos empresários. O risco dos investidores nos mercados emergentes tem crescido em função das crises cambiais da Argentina e Turquia; do conflito comercial do Trump com os chineses; e das recentes notícias de uma possível reversão do ciclo

de alta das commodities. No cenário doméstico, continuam as incertezas quanto aos resultados das eleições de outubro e ao compromisso do presidente eleito com as reformas estruturais de consolidação fiscal. Estes dois riscos combinados poderão aumentar a volatilidade no mercado e, deste modo, fragilizar ainda mais a recuperação da economia brasileira. A ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central realizada no final de julho sinaliza que a autoridade monetária pretende manter a taxa selic no atual patamar de 6,5%aa até o final de 2018, desde que o balanço de riscos não afete as expectativas de inflação. A mediana das expectativas do mercado financeiro para o crescimento do PIB mantém a estimativa de 1,5%aa para 2018 e de IPCA na casa dos 4,10%, ou seja, abaixo da meta de 4,5%aa. Este cenário levaria o BCB a manter a taxa selic real no patamar que estimularia a atividade econômica uma vez que esta última se encontra hoje em 2,70%aa, abaixo da taxa de longo prazo cujo valor estimado pelo mercado é de 4,0%aa.

BC SINALIZA JUROS EM 6,5% NA AUSÊNCIA DE CHOQUES

Ainda no que se refere ao balanço de riscos sobre a inflação, a ata do COPOM deixou claro que fatores negativos de risco podem aumentar a taxa selic ainda este ano, tais como: o caso dos efeitos secundários dos choques recentes não serem temporários e afetarem tanto a taxa como as expectativas de inflação; e possíveis choques decorrentes da indefinição do quadro político e, consequentemente, da agenda de reformas assim como do efeito Trump

na política externa. Por esta razão, o BCB decidiu não sinalizar sobre os seus próximos passos, uma vez que "diante do maior nível de incerteza da atual conjuntura, é importante que o colegiado tenha flexibilidade para conduzir a política monetária". Todavia, ainda de acordo com a ata, "na ausência de choques adicionais, o cenário para a inflação deve se revelar "confortável". Ou seja, o elevado nível de capacidade ociosa da economia passou apesar favoravelmente

no balanço de riscos do BC para o cenário benigno ("confortável") da inflação nos próximos meses. Ao menos no curto prazo, a gestão da política monetária pode ser sintetizada no seguinte parágrafo da ata: "todos concordaram que o grau de estímulo adequado depende das condições da conjuntura, em particular, das expectativas de inflação, da capacidade ociosa na economia, do balanço de riscos e das projeções de inflação"

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM JUNHO DE 2018

O desempenho da indústria brasileira em junho de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, crescimento de 13,1%. Na comparação com o mesmo mês em 2017 a indústria registrou aumento de 3,3%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), "em junho, a recuperação industrial mostrou-se, em linhas gerais, consistente o suficiente para sobrepujar as adversidades pontuais, porém graves, verificadas no mês de maio devido à paralisação do transporte rodoviário de carga. A produção avançou 13,1% frente ao mês anterior com ajuste sazonal em seu agregado, resultado de variações positivas na grande maioria dos ramos industriais. Conseguiram reagir 22 dos 26 ramos pesquisados pelo IBGE, sendo que 15 deles compensaram integralmente suas quedas anteriores, dentre os quais veículos automotores, reboques e carrocerias (+47,1%), produtos alimentícios (+19,4%) e bebidas (+33,6%). A normalização da situação veio não apenas do lado da produção, mas também do seu escoamento, como mostram os



dados de estoque. Poucos foram os setores cujas empresas avaliaram excessivo seu volume de estoques no mês de junho."

Ainda segundo o IEDI, "o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 76,2% em junho de 2018, apenas 0,3 p.p. menor do que o patamar de maio. O atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80,3%). Já o indicador da CNI ficou em 76,7% em junho de 2018, já descontados os efeitos sazonais, nível superior ao de

maio (75,9%), mas ainda razoavelmente abaixo daquele verificado em abril e março (78,1% e 78,2%, respectivamente). Vale lembrar que o indicador havia encerrado o ano de 2017 em 77,9%, o que significa dizer que os eventos excepcionais de maio fizeram a utilização da capacidade instalada perder tudo o que havia progredido nos quatro primeiros meses de 2018, sem conseguir uma integral recomposição em junho. Assim como no caso do indicador da FGV, a utilização da capacidade estimada pela CNI manteve-se abaixo de sua média histórica de 81,1%".

Variações da Produção - Junho - 2018 - %

| | No mês (com ajuste sazonal) | Mesmo mês ano anterior | No ano | Doze meses |
|-----------------------------|-----------------------------|------------------------|--------|------------|
| Indústria Geral | 13,1 | 3,5 | 2,3 | 3,2 |
| Bens de capital | 25,6 | 9,5 | 9,5 | 9,5 |
| Bens intermediários | 7,4 | 1,8 | 0,9 | 1,8 |
| Bens de consumo | 19,8 | 5,6 | 3,5 | 4,4 |
| Bens de consumo duráveis | 34,4 | 16,0 | 14,3 | 15,4 |
| Semiduráveis e não Duráveis | 15,7 | 3,2 | 0,7 | 1,8 |
| Extrativa Mineral | 0,3 | 1,6 | -0,7 | 0,1 |
| Transformação | 14,4 | 3,7 | 2,7 | 3,6 |

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Lhara Maria Dias Magalhães

Luan Victor Ramalho de Oliveira